

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

EDUCATION AND EMANCIPATION

EDUCACIÓN Y LA EMANCIPACIÓN

Lízia Helena Nagel¹

Por: Maria de Fátima Rodrigues Pereira, Paulino José Orso e Elza Margarida de Mendonça Peixoto

A *Germinal* que dedica este v. 5 n. 1, precipuamente, ao tema Emancipação, apresenta a entrevista realizada com a Professora Lízia Helena Nagel sobre o tema central de Educação e Emancipação. Estudiosa e militante dos temas que interessam aos educadores comprometidos com as mudanças do atual modo de existência, a Professora Lízia faz, ao longo da entrevista, reflexões importantes sobre os limites da liberdade no modo de produção capitalista, como: emancipação política, direitos cívicos no seio do neoliberalismo e movimento da pós-modernidade, também sobre a atualidade do marxismo. Aponta com agudeza mazelas humanas engendradas pelo modo de produção: *discursos sobre a injustiça da escravidão negra e silêncio sobre a atual escravidão branca; doença, medicalização e educação em sociedade da liberdade farmacêutica; pós-modernismo nas universidades e as consequências práticas sociais de tais proposições*, temas a serem debatidos, analisados e suas práticas superadas.

Palavras-chave: educação; emancipação; atualidade do marxismo.

G: Vemos, frequentemente, que emancipação humana é entendida como liberdade. A burguesia, no seu processo histórico de enfrentamento do Antigo Regime, levantou a bandeira da liberdade junto com igualdade e fraternidade que os revolucionários franceses consagraram na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789. Em que medida Marx se aproxima e ou se afasta dessa concepção de liberdade?

L.: É importante lembrar que o significado de emancipação humana, caso estejamos pautados em Marx, é histórico. Vários fatores, portanto, permitem refletir sobre a diferença entre a proposta francesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, ou sobre a diferença da bandeira de Liberdade - Igualdade – Fraternidade,

de 1789, e os posicionamentos sobre a “alforria dos homens das condições perversas de vida” sob a perspectiva de Marx.

Em primeiro lugar, as condições de existência em 1789 não foram as mesmas de 1840, quer na França, quer, principalmente, na Inglaterra, o que nos impele, de imediato, a retomar o pressuposto da consciência como um produto social, delimitada, em princípio, pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas. *O mundo burguês se consolida* a partir de 1840, como diz Netto, em *Marxismo Impenitente* (2004, p. 88), e isso permite a Marx captar, sob a clara dimensão dos antagonismos de classes², a liberdade, a igualdade e a fraternidade, agora sob a égide do modo de produção capitalista, e discorrer, portanto, de modo diverso àquele defendido no final do século XVIII.

Para perceber isso, basta analisar os textos de Marx que, tendo como ponto de partida a realidade capitalista mais avançada, 54 anos após a Revolução Francesa, ou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1843, inicia, com a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* e com a *Questão Judaica*, importante censura ao idealismo da própria esquerda alemã.

Em rota contínua, Marx aprofunda, ou melhor, radicaliza suas teses materialistas que podem ser acompanhadas nos: a) *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (1844); b) *A Sagrada Família* (1844); c) *Teses sobre Feuerbach* (1845); d) *A Ideologia Alemã* (1846); e) *Manifesto Comunista* (1848); f) *As Lutas de Classe na França* (1850); g) *18 Brumário de Luís Bonaparte* (1852/62). Trabalhos consecutivos que desembocam na ultrassonografia do processo produtivo, no primeiro volume de *O Capital* (1867), e que, se apropriados nos seus fundamentos, inviabilizam o entendimento relativo à possibilidade de emancipação humana nos limites de uma economia expropriadora.

G: *A questão da emancipação humana ocupou Marx ao longo de sua obra. Em a Questão Judaica, Contribuição à Crítica da Filosofia de Hegel, Introdução e Manuscritos Econômicos e Filosóficos, Marx enfrenta a questão da emancipação política e humana. Estaríamos, atualmente, ainda, sob o dilema da liberdade política e da emancipação humana?*

L.: Sim, e acredito ser a falta de leitura dessas obras, e o conseqüente aligeiramento na decodificação de *O Capital*, um dos fatores limitantes dos idealistas de hoje que defendem bandeiras burguesas enquanto se arvoram marxistas. O fato é que, hoje, com uma “modernização recauchutada”, grande parte dos contestadores do sistema, ou grande número de “jovens revolucionários”, mantêm a luta na perspectiva da emancipação cívica, da emancipação política. Não questionam, portanto, o Estado burguês, sempre assumido, romanticamente, como “em vias de democratização”! Não colocam em debate seu potencial alienador, típico de um Estado de classes. Não assumem, portanto, o Estado como a expressão das relações materiais e, por isso mesmo, restringem seus julgamentos da vida real apenas a dois tipos de comportamentos: “democráticos” ou “antidemocráticos”!

Sob tal raciocínio pouco sólido, não aprofundam, também, a ideia materialista, básica, de que as condições materiais da existência constituem a matriz ontológica de todo o ser social. Por isso, enquanto enaltecem a crítica como instrumento indispensável à prática social, pouco ou nada criticam os interesses corporativos de diferentes agremiações que defendem, apenas, direitos naturais, direitos cívicos³. Não discutem sobre quais fontes têm subsidiado o proletariado para a luta pela legítima emancipação humana que em nada se assemelha ao somatório de conquistas políticas de grupos variados, ou que em nada se assemelha à aquisição de direitos civis aprovados, ou legislados, pelo Estado de classes (sempre a favor de concessões periféricas a categorias diversas que têm poder de voto). Não refletem, perguntam, enfim, sobre o que sustenta a emulação sistemática do Estado (sobretudo pela via da educação) para “ganhos”, meramente políticos, produzidos por “diálogos”!

Questionamentos agudos, penetrantes, necessários para superar a destruição da concepção de história, oficializados pela vanguarda neoliberal, pelos pragmatistas e/ou pela legião de pós-modernos de carteirinha. O marxista, para avançar em sua proposta social, em sua utopia emancipatória, tem de ter sensibilidade e coragem para conscientizar-se da atual redução, no indivíduo, da sua capacidade de estabelecer relações para além das fenomênicas dicotomias apreendidas espontaneamente. Precisa examinar, com rigor, as incongruências e incoerências (inclusive, as suas), ao invés de regurgitar chavões, reproduzindo a sociedade de consumo que faz da propaganda o exercício sistemático da negação das contradições.

G: No contexto da educação escolar, como vê a defesa da relação educação integral e emancipação humana?

L.: A escola não pode ser pensada como fora do sistema capitalista. Então, simplesmente abri-la em tempo integral em nada modifica sua natureza. Isso não quer dizer que ela não possa ser entendida como uma instância que, contraditoriamente, ofereça possibilidades de se lutar por um homem diverso ao que está sendo constituído e ratificado na sociedade de consumo.

Mais do que pensar em uma escola como a expressão de uma unidade diretiva, deve-se perguntar quem são os professores, ou melhor, como eles estão comprometidos com as “virtudes do século”, como, por exemplo, com a democracia (elogiada pelos liberais), com a igualdade (defendida pelos movimentos pró-diversidade), com a injustiça social (sustentada pelo Papa), com a tolerância (recomendada pela UNESCO), com a liberdade individual (apregoadada pelo FMI).

Deve-se perguntar, mais especificamente, quanto os professores estão comprometidos com as orientações metodológicas e/ou didáticas de Philippe Perrenoud, Edgard Morin, Cesar Coll, Jacques Delors, entre outros pensadores que, escondendo-se no ecletismo, louvam as premissas básicas do (neo)liberalismo. Urge investigar, da mesma forma, qual literatura está sendo fornecida pelas Instituições de Ensino Superior além daquelas fundamentadas em Nietzsche e/ou em Foucault, em

Derrida, por exemplo, que não só dão status aos seus divulgadores como seduzem a juventude, afirmando que eles se “constroem e falam consigo mesmo”!

G: Emancipação e história: como a emancipação foi sendo compreendida ao longo da história; quais a diferentes concepções que tivemos / temos acerca dela?

L.: A “emancipação” é sempre desejada pelo homem dentro de suas possibilidades concretas. Dentre essas possibilidades reais, portanto, históricas, o desejo social de superação de um estágio da sociedade para outro, até mesmo quando um determinado modo de produção está em desenvolvimento, é constante e deve ser captado em suas alterações pelas mudanças nos processos de trabalho. Da manufatura à economia flexível, muitas “emancipações capitalistas” foram sugeridas politicamente e objetivadas concretamente. A contribuição histórica de Marx está exatamente em contrariar o desenvolvimento já alcançado por esse modo de produção, mostrando a possibilidade de libertação do homem da relação de expropriação do seu trabalho. Possibilidade que detecta, não por aspiração idealizada, mas, materialmente, pelo próprio avanço tecnológico dos meios de produção. Essa meta, que se diferencia de todas as anteriores, é a única que confere outra dimensão para a compreensão e a prática da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

G: Como a emancipação humana se relaciona com classes, lutas de classes, mediação, contradição, totalidade?

L.: De forma absoluta. Em primeiro lugar, a emancipação humana não tem chance de ser entendida e/ou conquistada por qualquer outra teoria que não seja o materialismo histórico, a única que explicita a produção das condições materiais da vida social, em seus diferentes estágios. Impossível, pois, na busca intencional de transformação da produção das condições materiais da vida social, dispensar a clareza sobre a totalidade, ou sobre a interconexão de todas as coisas que determina, em resumo, a própria existência concreta delas. Sem esse instrumental, portanto, os direitos até então entendidos como naturais, políticos, cívicos, continuarão a ser demandados, mantendo, assim, as contradições antagônicas do trabalho explorado, ou seja, a luta de classes.

G: Atribui-se, hoje, aos movimentos sociais importante tarefa para a emancipação humana, como entende esta posição?

L.: Com muito cuidado, com muita cautela. Além do que já foi explicitado, deve-se lembrar, saindo do pensamento linear, pouco afeito a perceber contradições, que os movimentos sociais são datados e, como tal, expressam as contradições da sociedade capitalista. Expressam, na maioria das vezes, um grande idealismo, exatamente no seio da sociedade hábil em degradar intelectualmente os homens,

em rebaixar a capacidade dos indivíduos de conhecerem e de compreenderem o que se passa na realidade em suas múltiplas mediações. O ser social de hoje, precisa ser dito, carrega as marcas do discurso neoliberal, mesmo quando afirma esconjurá-lo. Infelizmente, a partir do final de 1980, de modo geral, os indivíduos assumiram como virtude declararem-se democratas, promovedores da igualdade e/ou da justiça social, adquirindo, assim, respeitabilidade, pela propaganda de si mesmos, por discursos autolaudatórios! Já vi, por exemplo, um ex-carcereiro, de uma cidade do interior, eleito para coordenar o Conselho Tutelar. Nessa mesma direção analítica sobre incongruências, encontram-se, inclusive, movimentos sociais que não estranham receber verbas do Fundo Monetário Internacional!

G: Atualmente, face à intensa luta de classes e poder do capital, há efetivamente possibilidades de emancipação humana? Na prática, onde estariam?

L.: Existe sim. Este momento histórico, por exemplo, apresenta a possibilidade de luta mais radical, relativa à negação da vida sob as coordenadas do capital financeiro, principalmente na Europa. O desemprego crescente, a flexibilização das leis trabalhistas, os ganhos políticos (de ontem) perdidos, o deslocamento da classe média para a pobreza, as estatísticas da FAO sobre os milhões de pobres, esfaimados e desnutridos e o crescimento dos preços dos alimentos que inviabilizam a segurança alimentar do mundo, enfim, entre outros dados, tudo isso favorece a possibilidade de luta pela emancipação. No entanto, possibilidade não significa previsibilidade. Isso porque, em paralelo à crescente impossibilidade de existência digna, o Capital, em discurso coeso, consistente e universalmente proclamado, encaminha todos para o “empreendedorismo”, enquanto os “sem-trabalho” clamam por um patrão, ou pela redução da jornada do trabalho!

G: Na atual conjuntura, que processos históricos impedem a emancipação humana?

L.: Entre muitos que poderiam ser lembrados: a) O dogma de fé relativo à crença na democracia burguesa; b) O entendimento de poder descolado da noção de classes sociais; c) A propaganda como gerenciadora da formação do indivíduo consumista, competitivo, inculto, narciso; d) A educação para a tolerância como matéria básica do conteúdo e da prática escolar!

G: Que outros temas considera pertinentes que possam contribuir para a elucidação da relação e emancipação humana e por quê?

L.: Apenas algumas ideias: narcisismo, doença mental e estágio atual de desenvolvimento capitalista; discursos sobre a injustiça da escravidão negra e silêncio sobre a atual escravidão branca; doença,

medicalização e educação em sociedade da liberdade farmacêutica; pós-modernismo nas universidades e as consequências práticas sociais de tais proposições.

Notas:

- ¹ Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Baje (1966), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1976) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986). Atualmente é professora titular do Centro Universitário de Maringá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, transformações sociais e educacionais, contradições, conhecimento e atividade humana. E-mail: lh.nagel@uol.com.br.
- ² Marx, no Prefácio da I Edição de *O Capital*, em 1867, registra: “Nesta obra, o que tenho de pesquisar é o modo de produção capitalista e as suas correspondentes relações de produção e circulação. Até agora, a Inglaterra é o campo clássico dessa produção. Este é o motivo por que a tomei como principal ilustração de minha exposição teórica” (MARX, 1980, p. 5).
- ³ Marx nunca deixou de criticar os que se arvoravam defensores do proletariado. *Crítica do Programa de Gotha*, os textos contra Proudhon, entre outros, são significativos da exigência de rigor na aplicação da teoria.